Dia 9 — Santa Apolônia, Virgem e Mártir

Embora o imperador Filipe tenha sido tão favorável aos cristãos que muitos são de opinião que recebeu o santo batismo, levantou-se contudo em seu tempo uma perseguição contra os fiéis de Alexandria, na qual padeceram muitos mártires, e que foi como o sinal da que se suscitou no ano seguinte por todo o império romano no tempo do imperador Décio.

No ano de 248 de nosso Senhor Jesus Cristo, certo mau poeta, intrometido em adivinhações e mago de profissão, pôs-se a pregar nas ruas de Alexandria, ameaçando a cidade de uma grande desdita se não se exterminavam todos os cristãos, inimigos mortais dos deuses e de seu culto. Não foi preciso mais para excitar o furor de um povo naturalmente inclinado à sedição, à crueldade e à carnificina.

São Dionísio, que era então bispo daquela cidade, refere a perseguição com estes discretos termos: Este miserável adivinho animou contra nós os idólatras; e, excitando-os por meio da superstição a que era naturalmente inclinado este povo, acendeu o furor em seus corações. Crendo aqueles cegos neste ímpio e deixando-se levar das impressões que lhes inspirava, amotinaram-se contra nós e precipitaram-se nos maiores excessos da crueldade e do furor. Persuadiram-se barbaramente de que sua imaginária piedade consistia em ser cruéis contra os cristãos e creram que não podiam honrar melhor os deuses falsos que sacrificando-lhes por vítimas os que adoravam o verdadeiro.

Deram princípio ao sedicioso motim lançando mão de um santo velho chamado Meto ou Metan, querendo obrigá-lo a que proferisse execráveis blasfêmias contra a santidade de nossa religião. Irritados da nobre resistência que encontraram no generoso cristão, moeram-lhe todo o corpo a pauladas, arrancaram-lhe os olhos, picaram-lhe o semblante com juncos pontiagudos; e, tirando-o para fora da cidade, descarregaram sobre ele uma furiosa chuva de pedras, sob as quais o deixaram sepultado.

Passam depois à casa de uma piedosa matrona chamada Quinta ou Cointa e, agarrando-a com violência, conduzem-na ao templo de seu ídolo, para obrigá-la a que lhe renda adoração. O horror que manifestou à impiedade a que queriam obrigá-la e a heroica constância com que se negou a cometê-la redobraram neles a fúria e a crueldade. Ataram-na pelos pés e a arrastaram por todas as ruas. A poucos passos ficou o corpo destroçado com os golpes que de propósito lhe faziam dar contra as pedras e contra as esquinas; e, não se dando por satisfeita sua sangrenta sanha, descarregavam continuamente sobre o mesmo despedaçado corpo terríveis bastonadas.

Surpreendeu aqueles ensanguentados verdugos a constância da invencível heroína; mas, como a raiva que os animava havia afogado neles todos os sentimentos da compaixão, conduziram-na ao mesmo sítio em que São Meto acabava de ser apedrejado, e ali lhe tiraram a vida com o mesmo gênero de martírio.

Mas entre todos estes prodígios de valor cristão, Apolônia (Polonia no original; alguns a chamam Apolina) distinguiu-se por uma intrepidez e uma fortaleza que todos os séculos têm admirado e que foi então o objeto da admiração dos próprios pagãos.

Era uma donzela venerável por sua grande ancianidade e muito mais pelo dilatado e constante exercício de uma virtude sólida e edificativa. Alguns dizem que foi de ilustre nascimento e que desde seus mais tenros anos havia sido criada na religião cristã. O que todos contestam é que era a veneração e o exemplo dos cristãos de Alexandria, vivendo em sumo retiro, em contínuo jejum, em oração perpétua e na exata prática de todas as virtudes.

Durante o amotinamento do povo estava encerrada em sua casa, levantando continuamente as mãos e os olhos ao céu; e, como não duvidava de que logo seria também ditosa vítima daquela sacrílega sedição, sem perder tempo estava-se dispondo com fervor para oferecer-se em sacrifício. Com efeito, mais e mais enfurecidos os gentios com o sangue dos mártires, correm tumultuariamente às casas dos cristãos, pilham-nas, saqueiam-nas, abrasam-nas, tudo destroem, tudo destroçam. Parecia a cidade de Alexandria uma praça tomada de assalto e entrada a fogo e sangue pelos inimigos. Nesta segunda emoção popular, ou mais furiosa continuação da primeira, diz São Dionísio Alexandrino que foi achada Santa Apolônia em sua casa, onde incessantemente se estava oferecendo ao Senhor para ser vítima inocente de seus sacrossantos altares.

Apoderando-se da santa donzela aquelas ensanguentadas fúrias, determinaram atormentá-la tanto mais quanto era maior a veneração que tinha entre os cristãos. A primeira coisa que fizeram foi quebrar-lhe todos os dentes com uma pedra e depois, com a mesma, amassar-lhe todo o semblante. Irritados não só da serenidade, mas do gozo que manifestava a santa ao ver-se digna de padecer alguma coisa por amor de Jesus Cristo, não houve crueldade que não exercitassem naquela cristã heroína, cuja constância os tinha assombrados. Valeram-se das ameaças, das promessas, de quantos artifícios puderam imaginar para derrubar sua fé; mas acharam sempre nela uma firmeza e uma magnanimidade muito superior a seu sexo e a seus anos. Desesperados de lograr seu intento, persuadiram-se de que sua perseverança não poderia resistir à prova do fogo, sendo natural que uma donzela sem vigor e sem ânimo, por força de sua avançada ancianidade, cedesse ao terror de ser queimada viva. Com esta ideia levaram-na para fora da cidade e, acesa a fogueira, ameaçaram-na de que a lançariam nela atada de pés e mãos, se no mesmo instante não proferia as mais horríveis blasfêmias contra Jesus Cristo e se não oferecia incenso aos ídolos sem se deter um momento.

A puríssima donzela, que havia passado sua longa inocente vida em serviço do Senhor, abrasada sempre do amor de seu esposo Jesus Cristo, estremeceu ao ouvir tão ímpia proposição; e, sentindo crescer naquele ponto o amoroso incêndio que a consumia por seu Deus, excitando-se em seu generoso coração um vivíssimo desejo de honrá-lo mais e mais com o sacrifício de sua vida, achou-se movida de uma veemente inspiração (sem a qual seria ilícita a ação que pensava executar) de

acreditar com aqueles pagãos, prevenindo ou antecipando-se ela mesma à sua crueldade, que só a proposição de blasfemar de Jesus Cristo lhe causava mais horror que a fogueira e que todos os suplícios. Não esperou, pois, que a lançassem no braseiro: ela mesma se lançou no meio das chamas, para dar testemunho aos gentios de que não só era voluntário, mas alegre e gostoso seu sacrifício. Com efeito, tendo pedido que lhe concedessem um pouco de tempo como para deliberar, esteve por algum espaço em profundo recolhimento interior, suplicando fervorosamente ao Senhor que se dignasse aceitar o sacrifício que lhe fazia de sua vida; depois do que, cheia de uma vivíssima confiança e abrasada de um ardentíssimo amor de Deus, querendo tornar visível aos infiéis que os mais cruéis tormentos não eram capazes de acovardar os cristãos verdadeiros e que estes cristãos não padecem a menor violência no voluntário sacrifício que fazem a Deus de sua vida, intrepidamente se lançou por si mesma no meio das vorazes chamas, que no mesmo instante a consumiram.

Generosidade tão admirável pasmou os pagãos; ficaram todos suspensos e sem acertar a entender como era possível que uma donzela tivesse tido mais ânimo e mais anseio de fazer a Deus o sacrifício da própria vida e de ver-se consumir pelas chamas do que eles mesmos tiveram de vê-la reduzida a cinzas. Os cristãos aplicaram-se com o maior cuidado a recolher o que puderam do sagrado corpo, com especialidade os dentes, que, como preciosas relíquias, foram distribuídos por várias igrejas da cristandade.

Os contínuos favores que cada dia experimentam os que recorrem à intercessão de Santa Apolônia acreditam o grande poder que nossa santa tem com Deus e a bondade com que atende aos que imploram sua proteção. Pode-se assegurar que quase desde o mesmo tempo de seu glorioso martírio começaram a recorrer os fiéis a nossa santa em muitas enfermidades, mas com especialidade os que sofriam dor de dentes ou de cabeça. Nos breviários mais antigos de muitas igrejas se acham orações particulares para pedir a Deus, por intercessão de Santa Apolônia, que nos livre de várias enfermidades corporais e singularmente dos males de dentes. A seguinte lê-se no breviário antiquíssimo da igreja de Colônia:

«Ó Deus, por cujo amor a bem-aventurada virgem e mártir Santa Apolônia sofreu com tanta constância que lhe arrancassem todos os dentes: suplicamo-vos que concedais que todos aqueles que implorarem sua intercessão sejam livres de males de dentes e de cabeça; e, depois das misérias deste desterro, lhes outorgueis a graça de que cheguem aos gozos eternos da pátria celestial: Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, que, sendo Deus, vive e reina convosco na unidade do Espírito Santo, por todos os séculos dos séculos. Amém.»

Martirológio Romano

Em Alexandria, no tempo do imperador Décio, Santa Apolônia, virgem, a quem primeiramente os perseguidores arrancaram todos os dentes; depois, tendo preparado e acendido uma fogueira, como a ameaçassem de queimá-la viva se se recusava por mais tempo a blasfemar com eles, deliberando um pouco entre si a valorosa donzela, escapou de suas mãos repentinamente e, inflamada com o fogo sagrado que o Espírito Santo havia acendido em seu peito, lançou-se no

meio das chamas, ficando atônitos e confusos os autores mesmos daquela crueldade, ao ver numa mulher mais pronta diligência para sofrer a morte que em seus inimigos para dá-la.

Em Roma, o martírio de Santo Alexandre e de trinta e oito santos mais, que foram coroados ao mesmo tempo.

Em Soli, em Chipre, os santos mártires Amônio e Alexandre.

Em Antioquia, São Nicéforo, que recebeu a coroa do martírio, tendo-lhe sido cortada a cabeça, no tempo do imperador Valeriano.

Na África, no castelo de Lemele, os santos diáconos Primo e Donato, mártires, que foram assassinados pelos donatistas na igreja, defendendo o altar.

No mosteiro de Fontenelle, bispado de Rouen, Santo Ansberto, bispo desta cidade.

Em Canosa, na Apúlia, São Sabino, bispo e confessor.

Missa (oração)

A missa é em honra da santa, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Deus, qui inter cætera potentiæ tuæ miracula, etiam in sexu fragili victoriam martyrii contulisti: concede propitius, ut qui beatæ Apolloniæ virginis et martyris tuæ natalitia colimus, per ejus ad te exempla gradiamur: Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Ó Deus, que entre as demais maravilhas de vosso poder destes fortaleza ao sexo mais frágil para conseguir a vitória do martírio, outorgai-nos a graça de que, seguindo o exemplo de vossa virgem e mártir, a bem-aventurada Apolônia, caminhemos ditosamente para vós: Por nosso Senhor Jesus Cristo.

Epístola

A epístola é do capítulo 51 do livro do Eclesiástico (o original diz “Sabedoria”).

Eclesiástico 51,1-8.12

>

> **Latim:** [1] Oratio Jesu filii Sirach. Confitebor tibi, Domine rex, et collaudabo te Deum salvatorem meum. [2] Confitebor nomini tuo, quoniam adjutor et protector factus es mihi, [3] et liberasti corpus meum a perditione : a laqueo linguæ iniquæ, et a labiis operantium mendacium : et in conspectu astantium factus es mihi adjutor. [4] Et liberasti me, secundum multitudinem misericordiæ nominis tui, a rugientibus præparatis ad escam : [5] de manibus quærentium animam meam, et de portis tribulationum quæ circumdederunt me ; [6] a pressura flammæ quæ circumdedit me, et in medio ignis non sum æstuatus ; [7] de altitudine ventris inferi, et a lingua coinquinata, et a verbo mendacii, a rege iniquo, et a lingua injusta. [8] Laudabit usque ad mortem anima mea Dominum, [12] quoniam eruis sustinentes te, Domine, et liberas eos de manibus gentium.

Português: [1] Oração de Jesus, filho de Sirac: Glorificar-te-ei, soberano rei, louvar-te-ei Deus, salvador meu. [2] Glorificarei o teu nome: Porque te fizeste o meu ajudador e protetor, [3] e livraste ao meu corpo da perdição, do laço da língua iníqua, e dos lábios dos forjadores da mentira, e à vista dos que estavam contra mim te declaraste meu ajudador. [4] E me livraste, segundo a grandeza da misericórdia do teu nome, dos que rugiam, preparados para me devorarem. [5] Das mãos dos que procuravam tirar-me a vida, e das portas das tribulações que me cercaram: [6] Da violência da chama, que me cercou, e eu no meio do fogo não senti o calor: [7] Das profundas entranhas do inferno, e da língua impura, e da palavra de mentira, dum rei iníquo, e da língua injusta: [8] A minha alma louvará o Senhor até à morte, [12] Porque livras aos que esperam em ti, Senhor, e os salvas das mãos das nações.

Nota

«O capítulo 51 do Eclesiástico, de onde se tirou esta epístola, em rigor não é mais que uma oração ou ação de graças que Jesus, filho de Sirach, rendeu a Deus por tê-lo livrado sua misericórdia de vários perigos de perder sua salvação. É muito própria e muito adequada a aplicação que faz a Igreja às santas virgens e mártires, e o sentido alegórico é muito fácil.»

Reflexões

A vida do cristão deveria ser uma contínua ação de graças ao pai das misericórdias, visto que não é mais que uma perpétua cadeia de benefícios. Que bem há que não tenhamos recebido de sua bondade? E que bem há que não devamos esperar de sua misericórdia? É muito limitado nosso espírito para compreender tantos favores, e a duração de nossa vida é muito curta para agradecê-los. Não nos pede Deus outra correspondência que um amor fino e firme e uma fidelidade perseverante em seu serviço. Pergunto: temos-lhe sido até agora muito agradecidos? Temos-lhe

correspondido até aqui com isto pouco que nos pede? Compreendamos bem que delito é ser ingratos com um Deus que nos está fazendo mil bens todos os instantes da vida e que nos reserva para a morte o manancial inesgotável de todos eles. Deveríamos cessar um só ponto nos louvores de nosso Deus e de nosso Salvador? Por estes dois só títulos não lhe devemos mil sentimentos de gratidão e de louvor? O Senhor é o defensor, é o protetor de minha vida, dizia Davi: que tenho que temer? Vós, Senhor, me defendeis, vós me amparais; e eu temo, e sou vencido, e a menor dificuldade me acovarda e me desalenta! Falta-nos a confiança em Deus porque nos falta a pontualidade e a fidelidade em seu serviço. Sempre cresce a confiança ao passo do fervor. Aos santos mártires jamais espantaram os mais cruéis tormentos. Não há proporção, diziam eles, entre os trabalhos desta vida e o prêmio da outra. Bem sabemos, acrescentavam com o Apóstolo, que, se este miserável corpo é despedaçado, se padecer ruína, se se reduzir a cinzas, aquele Senhor que não quer que se perca um de nossos cabelos saberá livrar-nos da perdição e pôr-nos a coberto dos envenenados e malignos tiros da calúnia. Em vão se desenfreiam os maus contra o proceder dos bons; em vão tentam manchar sua reputação com os mais feios borrões. Brilharão os justos, diz o Sábio, no dia da justiça universal, como brilha o mesmo sol, penetrados da luz e da glória da imortalidade na alma e no corpo; cintilarão entre os precitos, que parecerão então como lenha seca e pronta a ser reduzida a cinza pela glória dos justos, que será como um fogo voraz e consumidor para os que os perseguiram. Ah, bom Deus, e que alento sente uma alma generosa que vos serve com fervor! Só o amor de Deus é o que pode inspirar a magnanimidade verdadeira. O Senhor me instrui com seus conselhos, diz o Profeta; ele toma por sua conta minha conservação: pois de quem temerei? Meus inimigos, arrebatados do desejo de perder-me, lançaram-se muitas vezes sobre mim como feras, mas sem lograr seus intentos, e acharam-se obrigados a reconhecer a debilidade de suas forças. Pois, ainda que os visse todos unidos contra mim, não tremeria. Ver-me-ia atacado por eles de todas as partes, e todavia esperaria vencer. Estou seguro, diz o Apóstolo, de que nem a morte, nem a vida, nem o mais alto, nem o mais baixo, nem alguma outra criatura poderá separar-me do amor de Deus, que está fundado em Jesus Cristo. Assim discorrem e assim falam todos os que amam a Deus. Quando discorreremos e quando falaremos nós assim?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 25 de São Mateus.

Mateus 25,1-13

> **Latim:** [1] Tunc simile erit regnum cælorum decem virginibus : quæ accipientes lampades suas exierunt obviam sponso et sponsæ. [2] Quinque autem ex eis erant fatuæ, et quinque prudentes : [3] sed quinque fatuæ, acceptis lampadibus, non sumpserunt oleum secum : [4] prudentes vero acceperunt oleum in vasis suis cum lampadibus. [5] Moram autem faciente sponso, dormitaverunt omnes et dormierunt. [6] Media autem nocte clamor factus est : Ecce sponsus venit, exite obviam ei. [7] Tunc surrexerunt omnes virgines illæ, et ornaverunt lampades suas.

> [8] Fatuæ autem sapientibus dixerunt : Date nobis de oleo vestro, quia lampades nostræ extinguuntur. [9] Responderunt prudentes, dicentes : Ne forte non sufficiat nobis, et vobis, ite potius ad vendentes, et emite vobis. [10] Dum autem irent emere, venit sponsus : et quæ paratæ erant, intraverunt cum eo ad nuptias, et clausa est janua. [11] Novissime vero veniunt et reliquæ virgines, dicentes : Domine, domine, aperi nobis. [12] At ille respondens, ait : Amen dico vobis, nescio vos. [13] Vigilate itaque, quia nescitis diem, neque horam.

Português: [1] ENTÃO será semelhante o reino dos ceos a dez virgens: que tomando as suas alampadas, sahirão a receber o esposo e a esposa. [2] Mas cinco de entre ellas erão loucas, e cinco prudentes: [3] as cinco porém que erão loucas, tomando as suas alampadas, não levarão azeite consigo: [4] mas as prudentes levárão azeite nas suas vasilhas juntamente com as alampadas. [5] E tardando o esposo, começárão a tosquenejar todas, e assim vierão a dormir. [6] Quando á meia noite se ouvio gritar: Eis-ahi vem o esposo, sahi a recebello. [7] Então se levantárão todas aquellas virgens, e preparárão as suas alampadas. [8] E disserão as fatuas ás prudentes: Dai-nos do vosso azeite: porque as nossas alampadas se apagão. [9] Respondêrão as prudentes, dizendo: Para que não succeda talvez faltar-nos elle a nós e a vós, ide antes aos que o vendem, e comprai o que haveis mister. [10] E em quanto ellas forão a comprallo, veio o esposo: e as que estavão apercebidas entrárão com elle a celebrar as vodas, e fechou-se a porta. [11] E por fim vierão tambem as outras virgens, dizendo: Senhor, Senhor, ábre-nos. [12] Mas elle respondendo, lhes disse: Na verdade vos digo que vos não conheço. [13] Vigiai pois, porque não sabeis o dia, nem a hora.

Meditação

Da falsa confiança

Primeiro ponto

Considera que entre todos os condenados não há sequer um que não pensasse em salvar-se. Até os mais dissolutos viveram com esta confiança. Por desbaratada que seja a vida, todos esperam ter tempo para emendar seus descaminhos, ainda que cada dia se descaminhem mais e mais. Cada um se lisonjeia de que terá a ventura de escapar do inferno, ainda que não dê passo que não seja para ele. Esta vã confiança, falando com toda a propriedade, nasce unicamente do horror natural que causa a todo o mundo o medo de ser infeliz por toda uma eternidade. Mas que confiança pode haver mais mal fundada? Com tudo isso, esta é a que hoje tranquiliza a consciência e a que, por assim dizer, embota a ponta aos remorsos.

Uma pessoa que todos os dias está irritando mais e mais a cólera de Deus com novos pecados, poder-se-á crer seriamente que tem motivo para contar muito com sua misericórdia? Aproxima-se alguém mais do termo quanto mais procura desviar-se dele? Agora quero prosseguir em ofender a

Deus, que algum dia já me dará vontade de amá-lo. Não sei se terei tempo para fazer penitência; mas, em todo caso, este tempo que agora tenho quero empregá-lo em aumentar minhas maldades; outro dia serei mais dócil à voz de Deus; outro dia resistirei menos à graça. Mas, insensato, quem sai por fiador de que terás esse dia?

É verdade que muitos morrem de repente; mas eu espero ser dos que têm tempo para dispor-se a uma ditosa morte com uma prolixa enfermidade. É verdade que estas espécies de conversões tardias são bastante duvidosas; mas confio que a minha será certa. É verdade que para converter-se de boa-fé, depois de ter vivido num inveterado costume de pecar, é preciso uma espécie de milagre; mas tenho esperança de que se faça este milagre em meu favor. Não é isto porque eu tenha razão para esperá-lo; porque reincidências, obstinação, desprezos de auxílios, teimosias, ingratidões, tudo prova que sou indigno deste favor; mas não importa, eu o espero. O muito que tenho abusado até aqui da graça de meu Deus não funda grande direito para que conte com sua misericórdia, é assim; mas, apesar disso, eu conto. Não nos criou Deus para perder-nos, é verdade; mas tampouco te criou para que fizesses tudo o possível por condenar-te. Confessemos que uma confiança alimentada unicamente com aquilo mesmo que a destrói é bem frívola e bem vã. Tal é a confiança dos que perseveram no pecado com a esperança de que algum dia farão penitência, resolvendo prosseguir em ser maus precisamente porque Deus é bom.

E não tenho sido eu, meu Deus, um destes infelizes? Quero converter-me algum dia; pois que razão terei para não me converter desde logo?

Segundo ponto

Considera que a vã confiança dos que abusam da mesma bondade de Deus para ofendê-lo, com esperança de que por fim sempre os olhará com olhos de misericórdia, não é a única confiança falsa que há. A daqueles que, fiando-se demasiado em certas virtudes que se lisonjeiam de ter, são negligentes no cuidado de sua salvação não é menos falsa que a outra, nem está fundada sobre melhores alicerces.

As virgens que se descuidaram de fazer a tempo provisão de azeite eram virgens; fiavam muito no amor que professavam à virtude da pureza. Algum direito lhes dava esta preciosa virtude para esperar ser favoravelmente recebidas do celestial Esposo. Mas faltou-lhes a vigilância: nas vias do Senhor é preciso andar de contínuo. A preguiça produz o sopor. Na vida cristã, quem começa a cochilar logo adormece; e que desgraça quando chega o esposo enquanto alguém está dormindo! Que desdita se, quando chama, estão as lâmpadas apagadas! O tempo de recebê-lo já não o é de ir buscar o azeite; essa provisão já devia estar feita. Por que não imitaram o exemplo das outras virgens prudentes? Estas não se fiaram tanto em seu amor à pureza que descuidassem por isso de ter bem providas suas lâmpadas. Fugiram de cochilar para não ficarem adormecidas. Era perfeita sua confiança, e por isso mesmo era ativa. Estiveram sempre em vigília, para que a vinda do esposo não as pegasse de improviso. Contavam muito com sua bondade; mas, por isso mesmo, quanto se esmeraram em comprazer-lhe? Uma confiança falsa sempre engana, porque sempre vem de falso.

Costumam-se abrigar certos vícios à sombra de certas virtudes. Não é alguém ímpio nem dissoluto; mas é tíbio. Vive-se com toda a delicadeza e regalo; o amor-próprio e o mundo se intrometem a regular até as obrigações da religião; conhece-se bem que não é alguém tão bom cristão como devia; a devoção desfalece, a fé se entibia, a caridade está quase apagada: pois quem sustenta nossa esperança? Não vive numa falsa segurança aquele que está tranquilo em meio de tão constante tibieza?

Toda a nossa confiança deve fundar-se na misericórdia de nosso bom Deus; a vida e a morte de Jesus Cristo devem alentá-la; mas havemos de tirar motivo desta mesma confiança para ser mais ingratos, menos piedosos, mais covardes? Falta-se à obrigação, nega-se ou dificulta-se a obediência às divinas inspirações, serve-se a Deus com violência ou de má vontade; e em meio disso todo o mundo se promete ter parte em seus favores. Se um criado se prometesse semelhante liberalidade de um amo a quem em tudo tivesse desagradado, dir-se-ia que este homem fundava bem sua confiança?

Ah, Senhor! Toda a minha confiança a tenho colocada em vós; mas de hoje em diante não será como até aqui uma confiança presunçosa e falsa. Bem sei que não devo contar senão com vossa infinita misericórdia, mas não fecharei já as portas dela com minhas iniquidades. Conheço que nada fiz até agora e que não me posso fundar senão em vossa bondade e em vossa graça; fazei, Senhor, que desde este mesmo ponto sinta os efeitos de uma e outra.

Jaculatórias

> *Tunc non confundar, cum perspexero in omnibus mandatis tuis.* Sl 118.

Nunca estará melhor fundada minha confiança que quando estribar na perfeita obediência a vossa lei.

> *Spera in Domino, et fac bonitatem.* Sl 36.

Persevera na virtude e espera no Senhor.

Propósitos

1. Quem mais benefícios espera de seu príncipe mais se esmera em servi-lo e comprazê-lo. Seria o supremo ponto do menosprezo e da malignidade fazer empenho de injuriá-lo ainda quando se conta mais com sua bondade e com seus favores. Pois tal é, à letra, o caráter da falsa confiança.

Olha bem se não te achas no caso. Quanto tempo há que tua consciência te está gritando à conversão, à reforma? Não é assim que não pensas morrer sem converter-te, sem ser mais regular, melhor cristão, mais devoto? Fazes a conta com a bondade e com a misericórdia de teu Deus; esta só confiança é a que te assegura contra os sobressaltos de uma consciência carregada de pecados, ou ao menos contra os remorsos de um coração ingrato e tantos anos há rebelde à divina graça. Mas, a teu parecer, estará bem cimentada essa confiança em meio desse montão de ingratidões e de culpas? Pois desde este mesmo ponto faze-a menos duvidosa, tornando-a mais cristã. Esperas que Deus te dará graça para romper algum dia estes infelizes laços? Pois hoje te convida com essa graça; não a rejeites, rende-te a ela e sê dócil a seu soberano influxo. Aparta-te dessa ocasião, deixa essa má companhia, desterra-te daquela casa, faze ânimo de não voltar a ver mais essa pessoa, evita esses escolhos, escapa destes perigos. As cadeias mais fortes, digamo-lo assim, fazem-se pedaços por si mesmas, sem outra diligência que a mudança do coração e a separação dos objetos. Confias que com o auxílio da divina graça algum dia emendarás esses costumes, moderarás esse gênio, corrigirás essas faltas tão grosseiras, adquirirás essas virtudes, serás mais piedoso, mais ajuizado, mais exemplar? Hoje te apresenta Deus esse auxílio; pois por que não darás hoje princípio a essa conversão, a essa reforma? Ao menos determina, nota, aponta nesta mesma hora aqueles pontos que desde hoje hão de ser objeto de teu zelo, servindo de matéria ao exame particular que de hoje em diante hás de fazer um pouco antes de comer. A ciência da virtude é ciência prática, e é preciso descer nela a coisas particulares.

2. O efeito comum da falsa confiança é a inação e o entorpecimento. O Espírito Santo adverte que ainda dos pecados perdoados não devemos estar sem medo. Era uma das máximas de Santo Inácio, fundador da Companhia de Jesus, que nas empresas difíceis devemos abandonar-nos nas mãos de Deus com tão perfeita confiança como se todo o sucesso houvesse de vir do alto por uma espécie de milagre, mas que ao mesmo tempo devemos aplicar todos os meios possíveis para seu logro, como se este dependesse unicamente de nossa indústria. Toda a tua confiança deve estar colocada na graça do Senhor; mas tem cuidado de acompanhar esta confiança com uma perfeita obediência aos divinos preceitos. Começa sempre pela oração; persevera em pedir e tem uma viva esperança de que conseguirás o que for mais conveniente para tua eterna salvação. Queres regular tua conduta e emendar teus costumes? Queres domar as paixões e destruir esse vício? Pois faze todos os dias, para este fim, alguma oração, animado de uma grande confiança; mas acompanha esta confiança e esta oração de alguma mortificação, de alguma penitência: *Hoc autem genus dæmoniorum non ejicitur nisi in oratione et jejunio*: Este gênero de demônios não se lança senão com a oração e o jejum. Queres conseguir essa graça que há tanto tempo estás pedindo ao Senhor? Pois implora a proteção da santíssima Virgem por meio de alguma devoção particular feita em honra sua; frequenta os sacramentos, visita hoje os enfermos da paróquia ou os pobres do hospital, dá alguma esmola e oferece todas essas boas obras a este santo fim.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:44:45 by Admin
Updated 20 November 2026 20:44:46 by Admin